

# HISTÓRIA E ORIGEM DO GUARÁ NO CORREIO BRAZILIENSE

HISTORY AND ORIGIN OF GUARÁ IN THE CORREIO BRAZILIENSE

LUIS GUSTAVO FERRARINI VENTURELLI <sup>30</sup>

---

**Resumo:** O artigo apresenta uma análise histórica do surgimento da cidade do Guará no Distrito Federal, narrado nas páginas do jornal Correio Braziliense no fim da década de 60. O objetivo é analisar as narrativas criadas nas páginas do jornal sobre a cidade que virá a ser o Guará e como essa história acaba em uma representação de sucesso da “revolução” nas páginas do jornal. A origem da cidade se deu com o nome de Mutirão da Novacap, como um assentamento voltado a trabalhadores da Novacap, do Setor de Indústria e Alimentação, em função de problemas de moradia da nova capital. O Guará é resultado do processo de transformação de um assentamento na cidade. Essa mudança de status serviu ainda como propaganda nas páginas do Correio Braziliense. Seguindo os passos de Maria Helena Rolim Capelato, nos servimos dos jornais como fonte, para desvelar o ideário descrito em suas páginas quanto a historicidade presente na formação da cidade. Por fim, buscamos discutir o contexto do surgimento da cidade de modo a perceber como foram assentados os seus moradores, perceber se esse foi o mesmo modelo de ocupação habitacional da capital, e finalmente a propaganda feita à época da inauguração do Guará nas páginas desse jornal.

**Palavras-chave:** Mutirão, Guará, História, Cultura, Cidades-Satélites, Brasília.

**ABSTRACT :** The article presents a historical analysis of the emergence of the city of Guará in the Federal District, narrated in the pages of the newspaper Correio Braziliense at the end of the 60's. The objective is to analyze the narratives created in the pages of the newspaper about the city that will become the Guará and how this story ends up in a successful representation of the “revolution” in the pages of the newspaper. The origin of the city was given with the name of Mutirão da Novacap, as a settlement aimed at workers of Novacap, of the Industry and Food Sector, due to housing problems of the new capital. The Guará is the result of the transformation process of a settlement in the city. This change in status also served as propaganda in the pages of Correio Braziliense. Following in the footsteps of Maria Helena Rolim Capelato, we use the newspapers as a source, we seek to unveil the ideology described in its pages as to the historicity present in the formation of the city. Finally, we seek to discuss the context of the emergence of the city to perceive, how its residents were settled, to realize if this was the same model of housing occupation of the capital, and finally the propaganda made at the time of the inauguration of Guará in the pages of this newspaper.

**Keywords:** Mutirão, Guará, History, Culture, Satellite Cities, Brasilia.

---

<sup>30</sup> Possui graduação em História pelo Centro Universitário de Brasília, Pós-Graduação em Direito Constitucional Instituto de Direito Público (IDP), é mestrando na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

## INTRODUÇÃO

**Por Brasília ter sido planejada como cidade moderna, tende-se a supor que estaria prevista também a construção das cidades satélites em torno do Plano Piloto. Muito se discute a importância da construção de Brasília, mas pouco se fala de como foi, ao longo dos anos, a criação das cidades para as quais foram os trabalhadores que atenderam ao chamado e vieram trabalhar nesta empreitada.**

O início de Brasília demandou muitos trabalhadores, que se prontificaram a vir por conta dos enormes índices de desemprego. A construção serviria para resolver, ou pelo menos amenizar, a questão de sobrevivência. Trabalhar poderia significar ter de voltar após o trabalho terminado, o que não aconteceu em boa parte. Neste contexto a pressão por moradia acabou favorecendo o surgimento de assentamentos na periferia da cidade, eram as cidades dos trabalhadores.

A Cidade Livre (1956) é o primeiro assentamento, era o ponto de apoio principal dos trabalhadores que para cá se dirigiam. Esse assentamento estava localizado próximo à capital em construção; contemporaneamente, surgem as cidades da Fercal (1956), e São Sebastião (1957) que não dariam conta do fluxo de trabalhadores que chegavam. Com o tempo, esses assentamentos viriam a ser chamados “cidades satélites”, após processo de reconhecimento pelo poder público passaram a ser conhecidos como Regiões Administrativas.

Segundo Maniçoba (2019) o termo Região Administrativa deveu-se à impossibilidade de Municipalização das cidades próximas à capital em função de definição constante no artigo 32 da Constituição Federal de 1988. O decreto nº 1.904, de 18 de fevereiro

de 1998 proibiu a utilização da expressão “satélite” para as cidades do Distrito Federal, nos documentos públicos inclusive. Diversas leis modificaram inclusive o número de cidades, o processo se arrastou por décadas, sendo a última modificação datada de 07 de junho de 2018, Projeto de Lei Complementar 019/2019 que definiu a área das cidades.

Em 2017, participei do I seminário Educação Patrimonial; Lugares, Memórias e Identidades. As discussões falavam muito da história da capital e de seus pontos turísticos e pouco se comentou sobre as cidades dos trabalhadores. Sobre o Guará não me recordo de nenhum apontamento, o que me provocou a escrever meu primeiro texto sobre a cidade abordando a questão da Feira do Guará. Justamente por ser um ponto turístico não lembrado naquele evento, mesmo sendo visita “obrigatória” para quem visita a capital.

Durante a pesquisa para que compôs o texto sobre a Feira, percebi que pouca coisa se fala sobre a história da cidade, sobre a criação das escolas e seus projetos, assim de como se deu o surgimento da própria cidade. Uma característica peculiar sobre o Guará é o fato de que é a única que surge com um nome e é inaugurada com outro, no dia 21 de abril de 1967, mas seu aniversário foi convencionado em data diferente da sua fundação.

Inicialmente, o Guará era um assentamento chamado Mutirão dos Trabalhadores da NOVACAP<sup>31</sup>, história que remonta a 25 de setembro de 1967. É de conhecimento geral que em seus primeiros dias a cidade não passava de terra, pedra e grama. O projeto da cidade vinha da NOVACAP e realizava uma ideia de Lúcio Costa projetada pelo arquiteto Renato de Sá Júnior (VASCONCELOS, 1988). Sua concretização coube ao engenheiro Rogério dos Santos Cunha.

---

<sup>31</sup> “A NOVACAP, Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap) foi criada através de lei, em 19 de setembro de 1956, pelo então presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek de Oliveira. A finalidade única era gerenciar e coordenar a construção da nova Capital do Brasil” (BRASÍLIA, 2021).

O método escolhido para contar essa história foi a pesquisa bibliográfica utilizando a hemeroteca do jornal *Correio Braziliense*. É por meio de suas páginas que artigo buscará esse momento, considerando, principalmente, o período entre os anos de 1967 e de 1969. Observando o contexto histórico, delimitamos como objetivo analisar as narrativas criadas nas páginas do jornal sobre a cidade que viria a ser o Guará e como sua história acaba em uma representação de sucesso da “revolução” nas páginas do jornal. A “história” contada nas páginas dos jornais marcou uma mudança radical na narrativa do curso do surgimento da atual Região Administrativa.

O presente texto é desdobramento de uma pesquisa realizada no mestrado de Educação da Universidade de Brasília, quando abordo a história do processo educacional na cidade do Guará. Perceber essa história parece ser fundamental para a construção de uma identidade da cidade, ainda mais quando se toma par dos fatos que permeiam o Mutirão como um assentamento que não surgiu em Brasília por meio da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap). É fato que na época sua construção ganhou grande importância, história que o Jornal *Correio Braziliense* contou sem considerar como se deu o processo real e sem esclarecer acerca da mudança do nome da cidade.

De acordo com Maria Helena Rolim Capelato (1988), que estudou profundamente a questão da comunicação estabelecida nas páginas de jornais, primeiramente é preciso delimitar a diferença entre uma grande mídia e uma mídia menor. Considera a primeira rica, a segunda representativa de grupos locais, comunidades de igrejas, sindicatos e outros. Quando se fala de uma grande mídia, a autora se refere aos grandes jornais; cita a imprensa televisivada, a quem se somam os grandes grupos de jornal impresso, com o poder de direcionar e desviar as vistas de seus telespectadores. Tantos leitores, como os telespectadores, podem ser direcionados, manipulados por vieses ideológicos e por interesses de quem promove os jornais. O foco destes grandes grupos não permite a discussão e a veiculação de in-

teresses dos menos favorecidos, inclusive por reconhecerem que seu poder pode levar ao surgimento de movimentos de massa, mudança que não interessa.

Os jornais relatam por meio de suas linhas a história em movimento, retratando os atores que se relacionam com tais fatos, exercendo poder, mostra também nuances das vidas dos que são afetados por esses atos, constroem uma narrativa dia a dia, *in loco*, o percurso, as escolhas. A escrita é também representatividade, quando, por exemplo, trata das formas de como se deu essa concretização, as explicações e justificativas situam os textos para além do aparente, muitas vezes revelam a ideologia. Quem escreve interpreta, é certo, mas pode ser também influenciado a escrever de uma forma e não de outra. Escrever e publicar num veículo desses é exercer poder, a informação não é neutra, ela tem um alvo definido nas suas linhas, também percebemos que se deve seduzir quem lê para o aceite do que se relata. Os jornais são fontes imprescindíveis para a pesquisa histórica, nas suas páginas se percebe quem exerce o poder e os efeitos de suas notícias. Mesmo num país com grande número de analfabetos, ainda assim os jornais servem às pesquisas sociais e culturais, e não poderia ser diferente neste estudo em tela.

*Por uma história do Mutirão, próximo à cidade do futuro, a utopia se transforma em velhas desigualdades.*

O contexto de surgimento do Mutirão está vinculado às diversas características das sociedades da América Latina principalmente, o adensamento populacional nas cidades em detrimento do campo. A construção de Brasília, segundo Chain (2018), se utilizou do grande número de desempregados no Brasil, servindo de atrativo e incentivo ao fluxo migratório. Outrossim, o Brasil não produzia máquinas de construção e pavimentação; a falta de tecnologia e máquinas poderia ter enterrado o nascimento de Brasília, os braços sofridos foram essenciais para a efetivação da construção.

Segundo o site da Agência Brasília:

O ano é 1958. A capital sequer tinha sido inaugurada e novos imigrantes desembarcavam aqui todos os dias. No livro Brasília Kubitschek de Oliveira, o escritor, jornalista, historiador e ex-governador do Distrito Federal Ronaldo Costa Couto relata que, em 1º de novembro de 1956, havia 232 operários em Brasília. Em fevereiro de 1957, a cidade já era um vasto canteiro de obras, com cerca de três mil candangos e mais de 200 máquinas em atividade incessante. Os números crescem em ritmo vertiginoso. Recenseamento do IBGE mostra 12,7 mil residentes em julho de 1957, número que passa para 28,8 mil habitantes em 1958, quando foi criada **Taguatinga**. No início de 1959, mais 30 mil pessoas chegaram e a população total era superior a 60 mil habitantes na inauguração de Brasília (AGÊNCIA BRASÍLIA, 2019)

Para esses imigrantes que aqui ficaram, sujeitos das primeiras, existia uma promessa de residência, que só foi cumprida em assentamentos. Não seriam acomodados dentro do “avião”, restando então a periferia. A Cidade Livre é o primeiro destes assentamentos, do qual Mendes (2006) relata um importante retrato deste primeiro assentamento. Segundo ele, o nome “Cidade Livre” surgiu do fato de que qualquer comerciante poderia se instalar sem pagar qualquer imposto por exercer atividade comercial ali, desde que provasse ter como se sustentar. Resolvido isso, o comerciante recebia um lote para construir tando o comércio quando uma residência aos fundos. Os estabelecimentos deveriam ser feitos de madeira, pois, justamente por ser algo provisório, o plano era a destruição total da cidade em 1960. Israel Pinheiro prometia “passar o trator em tudo” (MENDES, 2006), portanto, caso houvesse o desejo de permanecer na região, cabia ao interessado da Cidade Livre comprar um lote noutra lugar, no previsto comércio do Plano Piloto.

O comércio abastecia toda a cidade, oferecia serviços de barbearia, salões de beleza, bares, restaurantes próximos à primeira avenida. O famoso restau-

rante Chez Willy, frequentado ocasionalmente por Juscelino Kubitschek, as agências bancárias, os dentistas, os médicos, os advogados, as marcenarias, os materiais de construção e as farmácias poderiam ser encontradas lá. Só não se encontrava a infraestrutura de serviços básicos, não havia distribuição de água, recolhimento de esgoto, sequer havia eletricidade. Não existia polícia neste “faroeste”, coube à NOVACAP criar um corpo de segurança para o assentamento.

Mendes (2006) relata que participou da fundação de um jornal mimeografado que circulou por dois anos, “O Barbeiro”. O nome é devido a grande presença de insetos na região, motivo também que impunha o uso pelos homens da barba, visando a proteção da área preferida para a picada, evitando assim a doença de chagas:

O Conjunto de pistas de terra, muita poeira ou muita lama, conforme a época, e o intenso movimento de gente transitando lembrava as cidades de banguê-banguê do oeste americano. A diferença estava na substituição dos cavalos por jipes empoeirados ou enlameados. A bota, a calça de brim curinga e os blusões de xadrez pareciam ser uniformes obrigatórios, tão comum era o seu uso. (MENDES, 2006)

Taguatinga, por exemplo, surge do esgotamento da política das casas de madeira das construtoras. Lá na Vila Sarah Kubitschek, nome original da cidade, os trabalhadores poderiam adquirir terrenos para construir suas casas. “Taguatinga foi a primeira cidade-satélite criada pela Novacap com o objetivo de proporcionar aos candangos que ajudaram a construir a capital a aquisição de um terreno para a construção da casa própria” (AGÊNCIA BRASÍLIA, 2019). A cidade de Taguatinga foi planejada por Lúcio Costa. Pensava-se em realizar a construção desta cidade dez anos depois da inauguração de Brasília, a pressão por moradia era tamanha naquele momento que o processo foi acelerado. Esse foi o passo inicial para o polinucleamento realizado com as transferências de população das favelas e “grandes acampamentos de obras” para a periferia do Plano Piloto.

Era um sábado. Cinco de junho de 1958. Juscelino estava em Brasília e fora convidado a jantar no restaurante JK, na Cidade Livre. Ao cair da tarde, soubemos que grande massa popular, que estimamos em duas mil pessoas, empunhando cartazes com dizeres como ‘Queremos ficar onde estamos’, se portava à frente do restaurante”, conta Ernesto Silva. Israel Pinheiro, então presidente da Novacap, pediu que sua equipe fosse ao local e, na ocasião, eles acalmaram os manifestantes falando sobre a criação da cidade-satélite a 25 quilômetros do Plano Piloto. “Cumprindo o prometido, às sete horas da manhã do dia seguinte comparecemos à Vila Sarah Kubitschek e parlamentamos com os representantes da comunidade. Mostramo-lhes a planta de Taguatinga e fizemos ver a eles a vantagem de já se instalarem nos seus próprios lotes onde, mais tarde, poderiam construir a casa definitiva. (AGÊNCIA BRASÍLIA, 2019)

A cidade fora planejada para 25.000 pessoas, sendo que 4.000 famílias foram transferidas para lá em dez dias. Serviços de distribuição de água, implantação de fossas sépticas, de hospitais e de transporte diário feito por caminhões da NOVACAP também foram direcionados para lá. “Tudo mudou depois que mudou a capital. A imprevidência e a demagogia geraram a Vila Dimas e Vila Mathias, os terrenos foram distribuídos e apaniguados, praças públicas foram loteadas e os lotes foram vendidos a amigos da situação”, relata Ernesto Silva” (AGÊNCIA BRASÍLIA, 2019). Sobradinho foi a segunda “cidade satélite”, nome dado aos assentamentos de trabalhadores. Foi fundada em 13 de maio de 1960 para os trabalhadores das empreiteiras e também para moradores da Vila Amauri, Bananal, Vila Planalto, e principalmente próximas ao futuro Lago Paranoá, também funcionários do Banco do Brasil foram direcionados para lá. Ao final de 1960, Sobradinho já contava com 8.000 famílias.

O Gama foi a terceira cidade satélite implantada, mas sua gênese foi diferente das outras duas. Já existiam moradores em áreas rurais nas proximida-

des, aproximadamente 1000 pessoas moravam nas fazendas de Gama, Ponte Alta, Alagado, Ipê e Suzana em 1959. A cidade foi inaugurada em 13 de abril de 1960, dez anos depois em 1970 tinha 72 mil moradores segundo o IBGE. Acresça-se a falta de infraestrutura dos assentamentos e ainda o elevado preço da terra e dos aluguéis no Distrito Federal e termos, o “papel segregacionista das ações do Estado, sobretudo ao alocar novos assentamentos e infraestruturas [...]” (PAVIANI; CAMPOS; FARRET, 1990, p. 5).

O Guará foi pensado em função do SIA, como bairro que ofereceria moradia para os trabalhadores do setor e da chegada de funcionários públicos de renda menor que a dos ocupantes do Plano Piloto, mas que seriam transferidos para cá assim como eles. Foi organizado então o mutirão. “O local mais próximo e mais adequado seria o da Vila Guará, ao lado do córrego do mesmo nome e ao lado do Parque”. (JORNAL DO GUARÁ, 2020).

Segundo Vasconcelos, as primeiras obras do Mutirão datam de 25 de setembro de 1967 como projeto de ocupação do solo tendo em vista os trabalhadores do SIA. Os primeiros moradores da cidade vinham de outras regiões, Brasília, Taguatinga, Candangolândia, Vila Planalto, Gama, e Vila do IAPI. A cidade já em dezembro de 1968 possuía 600 moradias. O sistema de ocupação foi um sucesso, sendo visitado por diversas autoridades como o representante do papa da época, pelo presidente do Chile, Eduardo Frei, e o deputado brasileiro Lyrio Bertoli. O sistema definido de todos por todos ao invés de todos por um era um sucesso. O Superintendente da Cia Urbanizadora, Rogério de Freitas Cunha, ganhou notoriedade e repercussão popular. Não se pode esquecer que em 1968 estávamos em pleno golpe militar, e essa fama não seria positiva para o superintendente que aparecia mais do que a NOVACAP. A Companhia teve papel decisivo na ideia da criação de outras cidades além de Brasília, principalmente após a explosão habitacional da Cidade Livre, por exemplo, o futuro Núcleo Bandeirante.

Para Brasilmar Ferreira Nunes (1996), Brasília repre-

senta um paradoxo, pois se por um lado o Plano Piloto representou, ou tentou, um local da modernidade, diferentemente de boa parte das cidades do Brasil, onde imperou a falta de infraestrutura, proporcionando a seus moradores certa qualidade de vida, por outro lado, a cidade laboratório do planejamento urbano reproduz a segregação espacial e má qualidade de vida aos que eram direcionados para a periferia. Os transportes improvisados que moviam os trabalhadores, constantemente se deslocando no movimento casa-trabalho-casa, o chamado movimento pendular ocasionando elevados custos econômicos, o cansaço físico e psicológico eram marcas do paradoxo qualidade de vida e proposta de cidade funcional. Brasília surge com a expectativa de uma modernidade representada em seus projetos arquitetônicos e nas intenções pedagógicas, repetindo um contexto de adensamento populacional e falta de estrutura nas cidades-satélites.

Para Nunes (1996), essa estrutura de dupla natureza se consolida durante o regime militar. Nesse ínterim, a expulsão dos trabalhadores da construção da capital, enviados a cidades distantes onde, ao mesmo tempo, se consolida a lei do valor das relações mercantis na nova capital. A capital se consolida dentro de um sistema que Nunes (1996) chama de Estado Burocrático-Autoritário, como modelo, segundo ele, se encarrega de reproduzir as relações do velho Brasil dentro da nova cidade, consolidando a organização da sociedade em graus de previsibilidade e estabilidade. O sistema reforça a exclusão e a participação política principalmente de características populares. Esse modelo de organização seria justificado e defendido nas páginas de jornais.

Os jornais, segundo Capelato (1988), exercem poder de atrair público. A meta dos jornais é a atração, por isso existe uma atenção especial na escolha da linguagem. A comunicação prescinde de grupos que comunicam e que recebem a informação, emissor e receptor. A linguagem é elaborada para formar e alcançar a um público determinado. Jornais tais como Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, Jornal do Brasil, se voltam para um público do mercado. Diferentemente desses últimos, diversos outros

adotam formas diversificadas de comunicação e intenções que alcançam os populares com linguagem menos rebuscadas, ambas as estratégias são formas de atração, são signos de identificação social, de reconhecimento. Como exemplo da afirmação, se tem como signo de identificação o modo como se dá certo humor caricato, usando o escárnio como ferramenta durante a veiculação de notícias por esse último tipo, fazendo seu alcance imediato e autoexplicativo por se utilizar de mensagem simples.

No processo de criação da notícia de forma bem sutil, a opinião é inserida em forma de discurso, nesse momento existe a manipulação, a voz do jornal ou suas matérias privilegiam um discurso e não outro. Os grandes jornais optam pela *vox domini* em detrimento da *vox populi*. Essa escolha aparece na forma de retratar o direito, se propõe a divulgar e legitimar as práticas do Estado, mescla e direciona a matéria, o entendimento do jornal sobre os direitos sobressai ao direito público, portanto o direito é apropriado pelo meio de comunicação como forma de propaganda “os limites entre uns e outros são muito tênues. (Capelato, 1988, p.18). Ainda, o papel que cumprem os jornais vai muito além da comunicação, concretizam e legitimam o Estado e as suas ações perante a opinião pública, constroem de certa forma o interesse público. Por meio de uma eficiente organização publicitária se alcança a glória ou o pesadelo.

O jornal não é um transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos e tampouco uma fonte desprezível porque permeada por subjetividade. A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesse e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas de jornais. A categoria abstrata imprensa se desmistifica quando se faz emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social. (CAPELATO, 1988, p.21)

## O MUTIRÃO NAS PÁGINAS DO CORREIO BRAZILIENSE.

**Vestígios da aceitação do positivismo nas estruturas letradas da sociedade brasileira da primeira metade do século podem ser percebidos em obras como a “História do Positivismo” de Ivan Lins (1967).**

Já Miguel Reale, ao estudar Pedro Lessa e a Filosofia Positiva em São Paulo, observou que tomado em seus princípios e coordenadas bem definida, indo da crença no determinismo universal até a certeza da capacidade emancipadora do homem sobre a natureza - foi o Positivismo o eixo em torno do qual girou o estado de espírito de toda uma geração. (LINS, 1967, p.11)

Esse “espírito de uma geração” positiva carrega as páginas de jornal desde o século XIX por meio da pretensão de ser um baluarte da defesa de uma verdade que as páginas materializam. Ivan Lins avança nesse sentido afirmando que sem os positivistas inseridos no magistério e educação secundária, da ação *na imprensa*, da participação no Governo Provisório, e na Carta Constituinte, da inserção nas assembleias e governos estaduais, no alto funcionalismo público, diplomacia, ou seja, sem um ambiente saturado de Positivismo a fundação da República não seria possível. Esse positivismo, então cânone, guiará as tintas das matérias em suas descrições da origem da cidade.

Segundo o *Correio Braziliense*, de 12 de março de 1967, o ano começa com a efervescência da chegada à presidência do Brasil do Marechal Costa e Silva. Sua comitiva composta de 58 pessoas, e que tiveram seus pertences transportados para Brasília por avião da Força Aérea de Brasília (FAB). Foi recepcionado por inúmeras autoridades militares e pelo representante do Prefeito de Brasília, Sr. Plínio Cantanhede, que estava ausente por motivo de viagem. Em 22 de outubro de 1967, a primeira notícia do *Correio* afirmava que a NOVACAP iniciou por meio de mutirão as obras de assentamento de 10 servidores da companhia com previsão para mais 90 residências, caso a

iniciativa fosse aprovada. O Superintendente da Cia. Urbanizadora (NOVACAP) Rogério de Freitas Cunha desejava resolver definitivamente a questão de moradias para esse grupo. A partir da edição de 16 de dezembro de 1967, na coluna do repórter Ari Cunha, o jornal começa a dar destaque ao programa do Mutirão da NOVACAP, dizendo que os trabalhadores utilizam seus períodos de férias para construir suas casas. Na mesma edição continha a nova perspectiva para a cidade, previsão 45.000 habitantes.

É fato é que o mutirão das construções acontecia pelas então cidades satélites de Brasília. Tem-se uma experiência relevante em Taguatinga noticiada nas páginas do *Correio Braziliense* em 1966. No caderno de 11 de dezembro de 1966 continha uma experiência promovida pelos “Voluntários da paz”, dedicado aos acontecimentos de Taguatinga. A associação organizou um modelo de cooperativa chamado de “10 constroem para 10 por 500 mil cruzeiros”. A ação coletiva conseguia entregar uma casa de 40m<sup>2</sup> de área construída por 500.000,00 cruzeiros, sendo que a mesma residência poderia ser feita por uma construtora pelo preço de 2.500.000,00 de cruzeiros. A ação foi bem-sucedida, tanto que, em 1968, a previsão saltou para 2.000 residências. O jornal *Correio Braziliense* relatou em suas páginas que o mutirão de Taguatinga serviu de modelo para o mutirão dos servidores da NOVACAP que desfrutaram de muitos pontos de contato, desde a forma com que se organizava o trabalho, a questão de se ter custos reduzidos, a velocidade da construção, entre outras facilidades gerenciais. Outra edição de 11 de janeiro de 1968 ressalta que o mutirão de Taguatinga aconteceu em zona rural, avançando a estrutura para uma zona urbana, no terreno não se fez uma planificação do terreno.

Ainda, o periódico relata que aos domingos se reuniam na região do Mutirão equipes dispostas de duas máquinas Cinva Ram, capazes de produzir mil tijolos a cada 4 horas utilizando saibro do próprio terreno. Os buracos de terra que eram criados eram aproveitados como fossa séptica. Cada casa era inteiramente construída com dois mil tijolos, na proporção de 30m<sup>2</sup>x1,7 sacos de cimento. A areia da

obra vinha do rio Corumbá, recolhida por uma draga da companhia, a pedra marroada também vinha de uma pedreira da NOVACAP. Para os acabamentos existia um fundo coletivo que recolhia dos interessados 10.000 cruzeiros por mês. Os organizadores dessa cooperativa de trabalho foram o norte-americano Bruce Johnson, jovem jornalista com 24 anos de idade que se dedicou à causa, e, ainda, o padre Rui, da paróquia de São. José, em Taguatinga Norte. Utilizando-se do exemplo, aconteceram ações pelas quais Brazlândia e Planaltina foram contempladas, em menor escala, por mutirões de funcionários da NOVACAP em 1967, quase um ano depois da ação em Taguatinga com participação de trabalhadores desse mesmo mutirão.

Em 22 de outubro de 1967, o *Correio Braziliense* volta a noticiar o andamento das obras, sendo cada quadra construída e entregue com 10 casas por vez. O custo do material era fornecido junto com a orientação técnica e são descontados em folha. Se os trabalhos não fossem concluídos no período das férias, era cedido para o trabalhador meio período que depois era pago como hora extra à companhia. A ideia do mutirão traz às folhas do mesmo jornal, a partir de então, a figura do engenheiro Rogério de Freitas Cunha como seu idealizador, por ser simpatizante do sistema cooperativo desde quando chefiava o Departamento de Obras Complementares. A ideia do mutirão visando residências para funcionários da NOVACAP era de que o esforço se uniria à futura “Cidade Industrial”, que contava em seu projeto com de unidades escolas classes, escola parque, jardins de infância, supermercados, lojas comerciais e cinemas.

Em 11 de janeiro de 1968, o *Correio Braziliense* informa que várias obras foram vistoriadas pelo prefeito Wadjô Gomide, entre elas a do Mutirão da NOVACAP. E nessa edição o jornal começa um dos processos de romantização da cidade quando afirma que a cidade do Mutirão estaria “virando bossa” uma alusão a Bossa Nova. Os recursos destinados para a construção das 2.000 unidades que sem o sistema custavam 12.000.000, saíram pelo sistema de Mutirão por 4.000.000 de cruzeiros, pagos em 15 anos pelo Ban-

co Nacional da Habitação (BNH). O jornal relata que a construção das 10 primeiras casas foram motivo de piada interna, e serviu como desafio aos “brios” dos funcionários que realizaram a tarefa.

Nos sábados, domingos e feriados aparece uma legião de colaboradores, amigos, parentes, e companheiros de repartição de funcionários que assim vem duplicando o número de mão de obra para o trabalho. O entusiasmo é tamanho que funcionários estranhos ao grupo vêm prestar horas de trabalho contando pontos para sua vez de construir a casa. As horas de trabalho que o colaborador empregou na construção de casas para seus companheiros são revertidos em seu próprio benefício.” (Correio Braziliense, 1967)

Na edição de 21 de fevereiro, o *Correio Braziliense* informa que no fim de julho foram ocupadas 1.980 casas, e no fim do ano mais 2.300 unidades. A ideia do prefeito Wadjô Gomide passou a ser inaugurar a cidade em 21 de abril do ano seguinte, na ocasião do aniversário de Brasília. No dia 24 de fevereiro, o jornal anuncia que a primeira escola do Mutirão seria construída no mesmo esquema de cooperação que acontece na cidade. Em 1º de março, ocorreram algumas novidades nos planos da cidade, o projeto agora seria acessível aos servidores do complexo administrativo da NOVACAP, sendo incluída como política pública, para isso criou-se um grupo de trabalho (GTH - Mutirão).

Em 06 de março de 1968, o *Correio Braziliense* relata que desembarcou, no Brasil, o Cardeal-Arcebispo de Quebec Dom Maurice Roy, recebido pelas autoridades governamentais do Distrito Federal e por representantes religiosos e da própria embaixada canadense. A viagem de dois dias foi promovida pelo Conselho Episcopal Latino Americano. O Cardeal-Arcebispo Dom Maurice Roy almoçou com o prefeito de Brasília e se dirigiu para as obras do Mutirão. O arcebispo era naquele momento o presidente da Comissão Pontifícia Justiça e Paz que estava visitando vários países da América Latina. Seus compromissos contemplavam almoço com o engenheiro Rogério de Freitas Cunha e o prefeito Wadjô Gomide, no

último dia o Cardeal-Arcebispo Dom Maurice teve agenda com deputados e jantou com o presidente Costa e Silva antes de partir para São Paulo. No dia 24 de abril foi organizado um churrasco com uma missa campal realizada pelo padre Artêmio de David pelo sucesso das obras do mutirão, compareceram o engenheiro Rogério de Freitas Cunha e o prefeito Wadjô Gomide.

Percebe-se que a realização do Mutirão passa a chamar muita atenção de personalidades estrangeiras, se percebe na notícia da visita do Cardeal-Arcebispo Dom Maurice Roy que, assim que se cumpriu o almoço com o prefeito da Capital, a primeira visita foi às obras do Mutirão, mesmo existindo pelo menos mais três cidades em obra além da “pitoresca” Cidade-Livre” que concentrava o comércio e as origens da capital. Além de ter um crescimento vertiginoso que despertava interesses econômicos no local, foi pensado para funcionários de baixa renda, motivo do nome Mutirão.

Em 27 de abril, ainda visitaram as obras o presidente do BNH, Sr. Luciano Mesquita e o comandante da Polícia Militar da época, o comandante Alzir Nunes Gay. O comandante desejava construir ali residências dignas e de baixo custo também para os seus comandados, o que se concretizou com a entrega de residências 40 dias depois.

A partir desse momento, o presente trabalho passa a abordar outro aspecto importante sobre a história do Mutirão da NOVACAP. É interessante perceber o aspecto relativo à exposição pública de seu idealizador. Do mutirão era sabido que representava a “menina dos olhos” do engenheiro Rogério de Freitas Cunha. O engenheiro passou a figurar em fotos de jornais quase semanalmente e, como exposto, a receber visitas internacionais como o Cardeal-Arcebispo Dom Maurice Roy.

A coluna de Yvonne Jean, chamada “Esquinas de Brasília”, relata no dia 12 de maio de 1968 a experiência que viveu em Estocolmo presenciando a coletiva sobre construção de moradias para trabalhadores. Tratava-se da chamada cidade-jardim, cidade

construída pelos próprios trabalhadores com a coordenação e orientação de técnicos de várias áreas. Esse exemplo sueco estava sendo replicado dentro das especificidades do país terceiro mundista, esse modelo era o do Mutirão dos trabalhadores da NOVACAP. Tem como resultado a superação do individualismo em favor do coletivismo, segundo o foco da questão da moradia prometida:

O famoso individualismo brasileiro aparece miraculosamente transformado em compreensão do trabalho comum e das exigências da vida em comum. É um ambiente diferente o que surge nesta nova cidade do SRIA já existe um ambiente de comunidade” (*Correio Braziliense*, 1968).

E, ainda:

Poderia ter dado nessa crônica alguns dos impressionantes algarismos que o D. Rogério de Freitas me mostrou ao visitar o Mutirão. Preferi hoje exprimir a emoção que senti ao ver a emoção do campo realizado na capital da república. O Mutirão realidade social, resolvendo o grave problema da moradia, o mutirão-alegria, pois todos esses funcionários improvisados são impulsionados pela imagem de sua casa, em poucas semanas terá virado realidade. (*Correio Braziliense*, 1968)

O Mutirão passa a representar um ideal romantizado, a visão da jornalista trabalha em dois pontos, a liderança natural, “um líder aparece ao natural” (1968), “a família respeita seu chefe” (1968), que tem como resultado a superação do individualismo em favor do coletivismo, e a questão da moradia prometida. Não se pode perder de vista que os jornais dialogavam com o Governo Federal, controlado pelos militares. No fragmento acima percebe-se que o jornal se serve de uma narrativa em que tece uma perspectiva de realidade por meio da interpretação de quem escreve. Tal interpretação é mediada pelo editorial jornalístico, pelas representações dos repórteres inseridos no contexto, espacial e temporal. Capelato (1988) explica que até a metade do século XX as notícias que eram destaques nos jornais ti-

nam duas características, a primeira era o reflexo de uma verdade posta por um positivismo bem arraigado na sociedade, e a segunda era o fato narrado “eivado de verdades”, algo incontestado. Esse meio de comunicação era um portador das verdades, partindo-se de uma visão fetichizada, se estabelecia um culto à objetividade e à concepção do “fato verdade”.

A narrativa construída ao mesmo tempo em que se erguia a capital tecia a situação dos trabalhadores da NOVACAP como positiva, mesmo que estivessem abandonados à própria sorte como de tantos outros trabalhadores da capital. O recebimento de lotes, por exemplo, era romantizado ao ponto de que a leitura impunha uma noção de se relegar ao segundo plano o fato de se ter que pagar pela propriedade, as más condições de vida, a distância da capital. Os que tinham tais benefícios eram sortudos: “Não posso ficar esperando o dia em que nós mudaremos de Candangolândia (ou invasão ou outro lugar) murmuram” (*Correio Braziliense*, 1968).

Outro aspecto complexo para a época era a questão de um “espírito comunitário”. Essa disposição é ressaltada por Helena Lundgren em uma coluna chamada:

“O mutirão prova que a união faz a força”, o espírito do mutirão seria exemplo mundial da união dos homens de boa vontade guiados por Deus, trabalhadores direcionados pela paz e união. Lundgren afirma que o desafio foi posto a uma população sem recursos técnicos, que a construção serviria de exemplo para os estudantes de seu papel na sociedade, que o “trabalho não pode, nem deve ser impedido, que se encadeie Brasil afora em reação ao nosso problema de habitação popular dentro da nossa nação” (*Correio Braziliense*, 1968).

A autora reforça essa ideia:

Quiçá, Sr. Presidente, e Srs. Deputados, o mutirão com a participação e o apoio do poder público, somado aos braços de todos os brasileiros,

não venha traduzir a fórmula pela qual melhor e mais fácil se consiga a escola o lar e o pão? (*Correio Braziliense*, 1968)

Na mesma edição, a coluna de Yvonne Jean em sua “Esquinas de Brasília” relata o concurso para a escolha do nome da cidade. O fato é curioso, pois alguns sugeriram nomes incomuns:

A proposta da futura moradora é o nome de “Cinderela” porque acha essa personagem com “verdadeiras filosofias domésticas” e “apesar de envolta em aura principesca de contos de fada” simbólica de dia alegre e diligente operária, de noite princesa - ao invés de mariposa- se sublimando no embelezamento de seu castelinho levantado” num mito que não é *mistificação* e onde cabem operários e princesas porque somos *participalistas* caso esse termo for próprio.” (*Correio Braziliense*, 1968)

Em 12 de junho uma lagoa artificial para o esgoto foi criada como solução aos problemas de poluição do córrego Guará pelas obras do Mutirão. No mesmo mês também foi realizada a primeira festa junina do Mutirão, nos dias 28 e 29. O grande sucesso dessa narrativa levou a realidade do Mutirão à Câmara Federal pelo discurso de um deputado Lyrio Fertoli, (ARENA<sup>32</sup>) que analisou a situação e lembrou no púlpito de como no México a mesma política serviu para a construção de escolas, notícia aplaudida nas páginas do jornal em 02 de julho.

Em 13 de julho se anuncia nas folhas do jornal os recursos para a construção da escola primária do Mutirão e um setor desportivo, o futuro “Centro Administrativo Vivencial e Esporte, complexo de lazer do Guará onde se encontra o estádio e que conta, entre outras estruturas, com um ginásio coberto, um kartódromo, um teatro de arena e a Feira do Guará” (CAVE) que só seria inaugurado em 1978<sup>33</sup>.

A Igreja Católica teve importante participação para o surgimento da cidade do Guará, esteve presente em todas as etapas, desde a escolha da técnica utilizada nas fundações e construção das casas, até durante

as doações em dinheiro. Dito isso, o Correio Brasileiro noticiou em sua edição de 17 de agosto que a igreja doou um cheque no valor de CR\$ 8.919,96 para a construção de casas para favelados na região do Mutirão. Estavam presentes durante o encontro para a ocasião Dom José Newton, Monsenhor Geraldo Ávila, Vigário-Geral da Arquidiocese e o frei Lambert da igreja do Carmo que entregaram o valor ao engenheiro Rogério de Freitas Cunha. Neste mesmo ano, ainda em 5 de setembro, Brasília recebia o presidente do Chile, Eduardo Frei, e no dia 07 de setembro o presidente visitou o Mutirão da Novacap, sendo recebido pelo engenheiro que sonhou o local, ali afirmou o presidente; “é incrível, parece que o Brasil inteiro se uniu para construir Brasília” (1968). O Mutirão agora também é elogiado por um chefe de Estado, mas perceba, Eduardo Frei, não é um presidente de esquerda, segundo o jornal *El País*.

Pai do também ex-presidente Eduardo Frei Ruiz-Tagle, que governou o Chile entre 1994 e 2000 – já na democracia –, o ex-presidente foi fundador da Democracia Cristã chilena, um partido que moldou a política do país na segunda metade do século XX. Durante seu governo, entre 1964 e 1970, realizou mudanças fundamentais, tais como a reforma agrária, e embora tenha sido um dos mais ferrenhos opositores do seu sucessor, o socialista Salvador Allende (1970-1973), após o golpe militar se transformou em uma das princi-

pais vozes críticas do pinochetismo. Em agosto de 1980, por exemplo, fez um chamado por eleições livres e abertas em um evento conhecido como Caupolicanazo, a primeira manifestação organizada de uma oposição que começava a se refundar depois do massacre. Frei era uma figura perigosa para o regime: ao contrário dos líderes da esquerda que foram para o exílio, ele permaneceu no país e desempenhou um importante papel contra a ditadura dentro do Chile. (*El País*, 2019)

Líderes de uma democracia cristã da América Latina passam a figurar na história de uma cidade satélite criada para funcionários de baixa patente, sugerindo o questionamento se pode uma cidade-satélite ter uma história comparável à da capital onde moravam altos escalões e militares. Mas o que estaria inculto era a necessidade da ordem que precisava ser mantida quanto ao uso do espaço público. O projeto do Mutirão recebeu muitos recursos para realizar as obras, estimava-se em cerca de CR \$1.579.589,63 até agosto de 1968. Esperava-se entregar 4.500 habitações prontas em 21 de abril do ano seguinte, durante as comemorações do aniversário da capital.

---

<sup>32</sup> Partido político de âmbito nacional, de apoio ao governo, fundado em 4 de abril de 1966 dentro do sistema de bipartidarismo instaurado no país após a edição do Ato Institucional nº 2 (27/10/1965), que extinguiu os partidos existentes, e do Ato Complementar nº 4, que estabeleceu as condições para a formação de novos partidos. Desapareceu em 29 de novembro de 1979, quando o Congresso decretou o fim do bipartidarismo e abriu espaço para a reorganização de um novo sistema multipartidário. As funções classicamente desempenhadas por um partido político em um contexto de pluralidade política e social dificilmente poderiam ter sido desempenhadas pela Arena, não só em virtude das leis de exceção então em vigor, como também, e sobretudo, porque a Arena representou o papel de braço partidário parlamentar do autoritarismo vigente dentro de um Congresso despido igualmente de suas prerrogativas clássicas. Como partido governista, a Arena submeteu-se docilmente às iniciativas legislativas do Executivo, defendendo-o sistematicamente das críticas da oposição sem, no entanto, ter logrado ser um partido do governo.

<sup>33</sup> Foi inaugurado no dia 16 de abril de 1978 e tem capacidade para aproximadamente 22.000 pessoas. Na festa de Inauguração, o Esporte Clube Vitória da Bahia, venceu o Corinthians de Guará por 2x0.

## MARECHAL ARTHUR DA COSTA E SILVA E O NASCIMENTO DO GUARÁ

**Em 1968, o governo Costa e Silva comemorava um ano da chamada “Revolução”, nome dado pelos militares para o Golpe Militar de 1964. Por ocasião dada, o jornal *Correio Braziliense* dedica considerável número de páginas para celebrar o acontecimento. Na primeira página figurava o dizer “um ano de paz”, o editorial do jornal indicava o progresso sob o comando de Costa e Silva, afirmava ainda que seria pretensioso afirmar que quase todos os problemas do Brasil foram solucionados, inflação reduzida, legislativo prestigiado, crescentes postos de trabalho, integração do país ao aproximar as regiões mais distantes. Por ser um verdadeiro estadista, esse caminho para a integração e o desenvolvimento dos Estados mais esquecidos finalmente aconteceria, estradas para o Mato Grosso, construções de pontes, cais flutuante em Cuiabá, 100 bilhões investidos no setor agropastoril investidos pela SUDAM em ambas as regiões, centros universitários e educacionais construídos no Mato Grosso.**

Nessa mesma capa, o Sr José Richa denunciava o gasto de 500.000.00 de cruzeiros antigos com feijão de péssima qualidade o que fez com que a população descartasse o produto por causa do gosto e do cheiro ruim. Esta edição de 15 de março de 1968, traz além da propaganda governamental felicitações ao Presidente Costa e Silva de diversos governadores como o de Goiás que agradecia pela segunda etapa da hidrelétrica Cachoeira Dourada e incluindo o prefeito de Brasília Wadjô Gomide que se alinhava ao Marechal.

Ary Cunha em sua coluna fez uma análise deste primeiro ano de revolução. Em 1968, o governo revolucionário nada tinha de revolucionário, segundo ele afirmava, o governo tinha muito dinheiro em caixa que não chegava para o povo. Esperava-se uma maior liberdade após Castelo Branco e nada disso se viu. A vida no campo não tinha mudado, afirmava o jornalista, continuava sob exploração dos latifundiários, os operários continuavam com salários defasados,

mesmo os vencimentos das forças armadas estavam defasados. (*Correio Braziliense*, 1968).

Sob esse contexto, em 1969, o Guará foi inaugurado em evento que contou com a presença do prefeito de Brasília, Wadjô da Costa Gomide e com a presença do Presidente Marechal Arthur da Costa e Silva, evento constado no caderno comemorativo do aniversário de Brasília em 1969. Várias figuras foram destacadas em suas páginas, além de diversas congratulações ao Marechal no poder. Sobre isso, o jornal do dia 21 de abril destaca, por exemplo, dizia que “os jovens” que compunham o governo de Wadjô Gomide se espelhavam no sucesso da administração norte-americana de Kennedy, e cumpriam suas funções com competência graças ao Marechal. A partir da página 12 desta edição do jornal um caderno especial é dedicado ao surgimento do Guará.

No caderno, o jornal destacou a questão como “missão dada”; muitos duvidaram, mas que a revolução mostrou o que significava esse novo período do Brasil retomando um discurso desenvolvimentista típico do período de JK. Ainda no caderno, houve uma manifestação do Sindicato da Indústria da Construção Civil, que confiava na capacidade de oferecer uma “democracia que proporcionasse acesso à tecnologia” por meio do plano de obras. E no sentido das obras o caderno comemorativo afirma que o governo revolucionário encontrou um povo morando em barracas humildes e que então se voltou para o problema deles em todo o Brasil. E no caso de Brasília, mesmo já havendo outras cidades na região, decidiu construir uma cidade próxima ao Setor de Indústrias e Abastecimento, isso porque a revolução desejava casa digna aos trabalhadores. Tratou de enumerar as entregas como forma de propaganda, dizendo que juntamente às casas, foram entregues 5 escolas, 1 ginásio, 2 escolas parque, 17 jardins de infância, 1 unidade sanitária, 1 unidade de vizinhança para a prática de esportes, 1 cinema, restaurantes, supermercado e 4 igrejas. Conclui o caderno “viu o que quer dizer a revolução quando diz que entregou mais uma casa?” (*Correio Braziliense*, 1969, p. 46)

Um fato a ser considerado é o Ato Institucional 5 ou

somente AI-5. Período de grande perseguição aos considerados inimigos do sistema, pessoas eram isoladas fora do país como o próprio presidente Juscelino Kubitschek foi, perdeu os direitos políticos nesse período. O engenheiro Rogério de Freitas Cunha pediu demissão antes da inauguração do Guará no final de 1968, acabou indo estudar nos Estados Unidos. Seu nome só encontrado nas obras do Guará quando se busca a história do Mutirão, com se fossem coisas separadas. É bom ressaltar que o sistema feito no mutirão de casas construídas pela comunidade com material subsidiado e de residências populares foi suspenso, saindo das mãos de seus idealizadores e incorporado pelo novo sistema da Sociedade de Habitações de Interesse Social a SHIS. É de se considerar o papel importante que os jornais tiveram para a construção da narrativa romantizada e que mascarava os fatos, quando a história “oficial” da cidade satélite passou de experiência coletiva de sociedade para “vitória da vontade” da missão planejada em função do povo, de um planejamento e visão de futuro para esse povo de fora do plano piloto. Algo tão especial que não se repetiu nem antes nem depois do Guará, seja como propaganda, seja com obra, uma mini-Brasília.

Apesar de não ser uma data significativa, a inauguração do Guará não é a data do aniversário da cidade, o aniversário do Guará ficou fixado no dia 05 de maio, apesar da data não ter vínculo histórico com nenhum evento, segundo Vasconcelos (1988). Ficando a consideração de que existem grupos que determinam os caminhos das coisas, nesse ínterim, o jornal é também “*a arma jornal [que] tem uma variada gama de opções entre o domínio das consciências e a liberdade, os alvos que procuram atingir são definidos antes da luta*”. (VASCONCELOS, 1988, p.13)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

**O presente trabalho buscou abordar o papel do jornal na história do Mutirão dos trabalhadores da NOVACAP, e, ainda, como se deu a discussão da origem de uma cidade em função da veiculação de interesses dos menos favorecidos. É possível su-**

**por que reconhecer tais fatos poderia ter sido encarado como perigo ao ponto que se deixaria estimular o surgimento de movimentos de massa. A partir dos fatos objetivou-se verificar se existia a intencionalidade de impedir uma diversidade de pensamento ou ainda estabelecer um pensamento único. Para isso buscou-se analisar as narrativas criadas nas páginas do *Correio Brasileiro* e verificar como se deu o processo de explicação pelo jornal desde o início da cidade do Mutirão até ser inaugurada como Guará, e se é passível de comprovação alguma relação entre a história da primeira acaba sendo capturada como um sucesso do governo militar nas páginas do jornal.**

Para a obtenção de dados a metodologia apontou para a pesquisa bibliográfica e para a pesquisa documental, tendo o jornal como fonte de pesquisa, averiguando-se: 1) o jornal como documento e o que isso significa; 2) a percepção por meio de uma suspeita estruturada do discurso do jornal e a sua modificação conforme a situação da sociedade e; 3) a relativização da sacralidade do jornal como se fosse o portador do discurso inquestionável. A partir do principal referencial teórico utilizado, Capelato (1988), levou-se em conta a questão do documento monumento de Jaques Le Goff. Assim, constatou-se que o jornal atua como produtor de discursos e não como detentor da “verdade” pela objetividade. E, ainda, que a sua intencionalidade é permeada pela relação com a sociedade e que a objetividade é possível se assumirmos a necessidade de uma constante revisão e do acúmulo de verdades parciais, sem diminuir o valor do jornal como fonte relevante, mas entendendo seus limites.

Verificou-se ao procurar as origens circunstanciais e fatos ocorridos nos primeiros passos da construção da cidade em tela, que a mesma era conhecida com o nome de Mutirão da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil - NOVACAP, pois era um assentamento voltado a trabalhadores da Novacap, do Setor de Indústria e Alimentação, em função de problemas de moradia da nova capital, Brasília. Desta forma surgiu o questionamento se o Guará foi o resultado do processo de transformação de um

assentamento na cidade, ou se foi uma iniciativa governamental para suprir a carência de moradia. Depreende-se qual foi o papel da imprensa na construção de consenso, ou de ligação na construção de uma narrativa dependente dos interesses de grupos que exerciam o poder.

O fato que se concretizou nas matérias de jornal foi o de sucesso da revolução militar e de um projeto eficiente de desenvolvimento, independente da história das origens do assentamento e de seus participantes. Não se comprovou a intencionalidade de apagar a história do Mutirão, mesmo que ela tenha sido colocada como etapa como se tratasse de um período menos importante. A dificuldade em encontrar fontes que falam dessa época pode ainda estar ligada ao processo ter ocorrido em um regime autoritário, principalmente sabendo o perigo que corriam os que dele discordavam ou sob a suspeita de que estivessem subvertendo a ordem de comando. Constatou-se como se deu a transformação de uma experiência de construções populares, em uma cidade totalmente diferente daquilo que fora noticiado antes.

O *Correio Braziliense* que foi fundamental desde a primeira notícia da experiência das construções por meio de mutirões que já aconteciam em outras cidades que margeavam o Plano Piloto, e que noticiava tais fatos nas páginas do jornal desde o início mudou a rota em 1968. Entretanto, principalmente após o AI-5, esses fatos foram omitidos nas folhas do jornal em função de propaganda voltada para fatos de propaganda voltada ao governo militar e de sua narrativa desenvolvimentista. Assim, o Guará passou a ser resultado da “revolução”, nome dado ao golpe militar de 1964.

A mudança de nome traz uma carga simbólica, não só devido à apropriação da história do local, mas pior indicando um apagamento desta história atrelada à questão do Mutirão. Outrossim, o referido jornal foi trazido para Brasília para ser voz de um sonho, mas há a possibilidade de ter sido cooptado como voz do governo. Com este texto buscamos tornar relevantes mais pesquisas sobre a história do Guará. Pensando

na possibilidade de ampliar a reconstrução da vida de seus construtores e que ainda são seus moradores com a bela experiência de cooperativismo que deu origem à cidade, da relação com a igreja católica e de sua política à época dessa experiência. É imprescindível destacar a importância de o historiador estar atento ao fato do ato de pesquisar, desvela práticas sociais e históricas de cidades tais como o Guará. Assim, esta pesquisa propôs resgatar a importância histórica do Mutirão da NOVACAP e apontando para investigação de outras ocupações populares, como uma estratégia, inclusive de amortização de custos para a população, que deu certo, quem sabe indicar elementos para o entendimento de políticas a posteriori, tais como o “Minha casa, minha vida”. Como desdobramento dos conhecimentos adquiridos nesta pesquisa, é possível traçar caminhos para novas pesquisas direcionadas à orientações pedagógicas no sistema escolar de Brasília e as suas dimensões práticas previstas inclusive na BNCC, por meio da análise de sua continuidade, ou não, ao longo dos anos em escolas públicas como as do Guará.

## BIBLIOGRAFIA

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. *Apontamentos sobre o testemunho infantil na historiografia da Educação (Brasil, Séculos 19 e 20)*. *Cadernos De História Da Educação*, 20(Contínua), e024. <https://doi.org/10.14393/che-v20-2021-24>.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História Fundamentos e métodos*. 3 ed. São Paulo: Cortez. 2009.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* 2a edição revista e ampliada Tradução: Sérgio Goes de Paula. Editora Zahar. 2004.

*Variedades de História Cultural*. São Paulo-Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000

CHANIN, Samira Bueno. *Cidade nova, escolas novas? Anísio Teixeira, arquitetura e educação em Brasília*.

Samira Bueno Chahin; orientador José Tavares Correia de Lira.orientador Diana Gonçalves Vidal - São Paulo, 2018.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na História do Brasil*. São Paulo, CONTEXTO/EDUSP,1988. GIL, Antônio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa?* São Paulo. Editora Atlas. 1996.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas. São Paulo. Ed. Unicamp. 1990.

LINS, Ivan. *História do Positivismo no Brasil*. São Paulo. Companhia da Editora Nacional. 1967.

MANIÇOBA, S, R. *Criação de Regiões Administrativas no Distrito Federal e o Histórico da Definição de seus Limites Geográficos*. Revista Eletrônica: Tempo - Técnica - Território, v.10, n.2 (2019), p. 01:30 ISSN: 2177-4366.

MENDES, Manuel. *Meu testemunho de Brasília*. 3ed. revista e aumentada. Brasília. Thesaurus. 2006.

MORELLI, Ana L. F. *Correio Braziliense: 40 anos -Do pioneirismo à consolidação*. Dissertação apresentada à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Comunicação. Linha de Pesquisa Meios de Comunicação, Políticas e Tecnologias. Orientadora: Lavina Madeira Ribeiro. Abril de 2002

PAVANI, Aldo. Brasília: *Moradia e Exclusão*. Brasília. ed. UNB.1996.

RODRIGUES, Souza Maria Alexandrina. *A Brasília dos Pioneiros*. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. 2013.

SILVA, Miranice Moreira da Silva. *Os Sons da Cidade: Territorialidades e Sociabilidades nos Circuitos da Micareta de Feira de Santana*.(1939-1985).Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília para obtenção do título de doutora.Linha de Pesquisa: História, Cultura, Memória e Identidade. Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Eloísa

Pereira Barroso. Brasília. 2020.

VASCONCELOS, José Adirson. *As Cidades Satélites de Brasília*. Centro Gráfico do Senado Federal. 1988. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/31> . acesso em: 01/10/2021.

*HISTÓRIA DO GUARÁ*. Jornal do Guará Brasília. Disponível em: <https://jornaldoguara.com.br/historia-do-guara>. Acesso em 30/09/2021.

. Disponível em: <https://www.novacap.df.gov.br/a-novacap/>. acesso em 30/09/2021.

\_. Disponível em: CORREIO BRAZILIENSE | CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Acesso em:10/03/2022.

\_. Disponível em : ALIANCA RENOVADORA NACIONAL (ARENA) | CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. acesso em 29/03/2022.

\_. Disponível em : Estádio Antônio Otoni Filho – Wikipédia, a enciclopédia livre. acesso em 29/03/2022.

\_. Disponível em: Agentes de Pinochet envenenaram ex-presidente chileno Frei Montalva, conclui Justiça | Internacional | EL PAÍS Brasil. acesso em 29/03/2022

\_. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_01/26059](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/26059) : acesso em 21/10/2021.

\_. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_01/30310](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/30310) : acesso em 21/10/2021.

\_. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_01/31254](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/31254) : acesso em 20/10/2021.

\_. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_01/31570](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/31570) : acesso em 19/10/2021.

\_. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_01/31688](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/31688) : acesso em 19/10/2021.

---

\_. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_01/32261](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/32261) : acesso em 19/10/2021.

---

\_. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_01/32321](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/32321) : acesso em 19/10/2021.

---

\_. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_01/32392](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/32392) : acesso em 20/10/2021.

---

\_. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_01/33241](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/33241) : acesso em 20/10/2021.

---

\_. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_01/33316](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/33316) : acesso em 20/10/2021.

---

\_. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_01/33541](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/33541) : acesso em 20/10/2021.

---

\_. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_01/34059](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/34059) : acesso em 20/10/2021.

---

\_. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_01/34437](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/34437) : acesso em 20/10/2021.

---

\_. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_01/35820](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/35820) : acesso em 20/10/2021.

---

\_. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_01/41078](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/41078). acesso em 28/03/2022.